



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES CURSO  
DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**BRUNA SOUZA DE OLIVEIRA**

**DANÇA DO VENTRE: INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA  
NA MODALIDADE**

**MACEIÓ  
2024**

BRUNA SOUZA DE OLIVEIRA

**DANÇA DO VENTRE: INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA  
NA MODALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Dança Licenciatura do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em dança.

Professor(a) Orientador(a): Prof. Dra Ana Clara Santos Oliveira

**MACEIÓ  
2024**

## DANÇA DO VENTRE: INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA MODALIDADE

Bruna Souza de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem por finalidade tecer considerações sobre o perfil “ideal” do professor de dança do ventre, assim como, situar o contexto sócio-histórico-cultural da dança do ventre. Através de um estudo de caráter qualitativo, realizou-se um estudo teórico sobre o orientalismo (SAID, 1995). Nesta perspectiva, o texto pretende apontar a importância da construção do(a) professor(a) crítico/reflexivo e autônomo a partir do referencial de Paulo Freire, e sua Pedagogia da Autonomia (1996). Dessa maneira, a pesquisa objetiva propor melhores estratégias de ensino a partir da análise das metodologias utilizadas para o ensino da dança do ventre pelas entrevistadas na cidade de Maceió, com base no instrumento de coleta dos dados *Google Forms*, apresentando um questionário com perguntas abertas e fechadas.

**Palavras-chave:** dança do ventre; orientalismo, pedagogia da autonomia, docente crítico-reflexivo.

### Abstract:

*The purpose of this article is to make considerations about the “ideal” profile of the belly dance teacher, as well as to situate the socio-historical-cultural context of Belly Dance. Through a qualitative study, a theoretical study was carried out on orientalism (SAID, 1995). From this perspective, the text intends to point out the importance of the construction of the critical/reflective and autonomous teacher based on Paulo Freire's framework and his Pedagogy of Autonomy (1996). In this way, the research aims to propose better teaching strategies based on the analysis of the methodologies used to teach Belly Dance by teachers in the city of Maceió, based on the Google Forms data collection instrument, presenting a questionnaire with open and closed questions.*

**Keywords:** belly dance; orientalism, pedagogy of autonomy, critical-reflective teaching.

---

<sup>1</sup> Artista e pesquisadora da dança do ventre. Graduada pela Universidade Federal de Alagoas. UFAL.  
Email: bruna.souza@ichca.ufal.br

## INTRODUÇÃO

A entrada da dança do ventre no campo acadêmico é muito recente em comparação com outras pesquisas científicas, no entanto, as pesquisas que trazem reflexões já têm reverberado significativamente na cena da dança do ventre; os esforços que têm sido feitos produzem apontamentos críticos importantes, e por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso, não será possível aprofundar em todos esses empenhos, assim, prossigo com minha contribuição.

O presente trabalho objetiva tecer reflexões sobre o perfil do “ideal” do docente na linguagem da dança do ventre, de uma maneira que venha a possibilitar olhares para a estruturação deste perfil “imaginado”: um profissional responsável, mediador, comprometido com os fatos e a verdade, possibilitando a sua autonomia e sua emancipação, assim como, a do estudante. Neste contexto, este artigo, trabalho de conclusão de curso, surge, principalmente, a partir de inquietações pessoais sobre a construção dessa silhueta imaginada do profissional da dança do ventre na contemporaneidade.

A partir dos estudos com o professor Dr<sup>o</sup> Cláudio Antônio Santos da Silva, na disciplina ‘Danças populares de Alagoas’ no curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas, estruturo o início deste fazer pensando o conceito SUJEITO-TRAJETO-OBJETO de Silva apud Bião (2021) e sua ETNOCENOLOGIA, posterior às aulas, me aproximando da ideia através da tese de doutorado do professor Dr. Cláudio, intitulado: ““Botar Figurás” e “Desfigurar a Moeda”: Entremeios e Formação para Cena de uma “Cínica” Dança Pessoal”, Silva (2021).

Brunna Oliver, meu nome artístico, sou natural de Ubatuba-SP, tenho 35 anos de idade, sou artista da dança do ventre, pratico essa arte desde o ano de 2016, iniciando os meus estudos com Aline Pilz, na Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba, no Estado de São Paulo. Durante os anos de 2019 a 2024, realizei a graduação pelo Curso de Licenciatura em Dança, do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. Neste contexto, um dos focos do curso de dança da UFAL, diz

respeito à formação de artistas e docentes críticos e compromissados, desse modo, as abordagens da sua matriz curricular priorizam a autonomia, a formação crítica do sujeito e a construção de um corpo político que dança. Nesta direção, estes conhecimentos assimilados durante esta formação contribuíram para essa construção textual, a partir da reflexão sobre a qualidade dos conteúdos prático-teóricos da dança do ventre que poderão ser elaborados pelas professoras que estão atuando no mercado de trabalho, alcançando uma pedagogia da autonomia (Freire, 1996) e emancipadora.

Como reflexões iniciais com relação ao território da dança do ventre será trazido para o diálogo o termo, orientalismo, criado por Said (1995), conceito utilizado para definir como a cultura oriental foi deturpada pelo olhar ocidental, onde, quanto pesquisadora, notei este olhar enraizado na ideia das praticantes da dança do ventre em salas de aula. Neste contexto, diversos “profissionais” não abordam a dança do ventre de uma maneira crítica e reflexiva. De uma maneira geral, professores de dança oriental seguem o fluxo dos interesses de seus estudantes, ou seja, a dança preterida como um *hobbie*, ou apenas, como atividade física, ou, resgate do feminino interior, ou, por questões estéticas. De uma maneira geral, o ensino desta modalidade vem sendo ensinada sem propostas críticas, sem conscientização sobre a estrutura idealista concebida, ou seja, a orientalista<sup>2</sup>, entregue via mídia.

Entendemos que estes tipos de professores não pensam em reformular os conceitos alienados que o público traz consigo, se aproveitam deste afastamento para continuar angariando estudantes, apenas os vendo como clientes, o que configura um descaso com a cultura oriental, com a arte das danças do Oriente. Nesta direção, a cultura de massa através de suas novelas, a exemplo, O Clone, exibido pela Rede Globo de Televisão (Nepomuceno, 2006), filmes, músicas, ou videoclipes, constroem o imaginário da

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que essa visão orientalista e todo o investimento material que foi feito na colonização para a dominação do Egito pelos europeus, não chega com essa finalidade no Brasil; no entanto, em certa medida, os ecos do orientalismo foram sendo incorporados no contexto brasileiro, e por esse motivo, visões deturpadas foram elaboradas conscientemente ou de forma inconsciente, causando, de certa forma, prejuízo intelectual às pessoas atravessadas pelas informações distorcidas.

sensualidade, erotização e vulgarização da figura feminina, de costumes, comportamentos e práticas alienantes.

Observa-se ainda, devido à baixa escolaridade e às falhas na educação, o que está sendo assimilado sobre este imaginário orientalista através do comportamento, das novas tendências, da moda, principalmente, nas redes sociais não alcança o pensamento crítico. No contexto da docência das danças orientais, a história da dança realizada de uma maneira crítica vai na intenção de diminuir esta falta de discernimento, de favorecer a construção do senso crucial para saber filtrar as informações que nos chegam em sala de aula a respeito do oriente.

É por este viés que a história da dança do ventre se insere como elemento catalisador, como argumento crítico, serve para refutar equívocos usados como estratégicos para deturpar, manipular, controlar a mentalidade de um grupo, de um povo, de uma nação exercida pelo poder do Estado, quando na verdade, é um conteúdo potencializador para o sujeito, desmistificador de ideologias.

Neste assunto, sobre a relação docente na dança do ventre e sua contextualização pelos professores para esta análise foram aplicados questionários para os devidos levantamentos conclusivos, desse modo, buscou-se refletir sobre o perfil de alguns profissionais da dança do ventre e seus processos didáticos na cidade de Maceió, Alagoas. Justifica-se a captação do público entrevistado neste município, por ocasião da pesquisadora estar residindo em Maceió-AL, podendo alcançar contato mais facilmente com as docentes que residem no município, e tendo também o intuito de deixar registrado a atuação das docentes neste recorte de tempo. É nesta direção que o estudo caminha, tecer o perfil “ideal” do profissional da dança do ventre que deverá atuar no século 21, em busca de uma autonomia didática, exercida pela sua atuação política, inerentes aos artistas e aos professores.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da pesquisa qualitativa, quantitativa, descritiva e exploratória, que se utilizou de questionário e pesquisa bibliográfica, para assim realizar a análise dos conteúdos de forma a confrontar as respostas das entrevistadas com as ideias dos autores elencados para a fruição de seus pensamentos e ensinamentos, a fim de tecer considerações sobre um recorte do mercado, das danças orientais em Maceió-Alagoas. Primeiramente, ocorreram os devidos fichamentos dos seguintes autores: ASSUNÇÃO, Naiara Müssnich Rotta Gomes de. **As Origens da Dança do Ventre: perspectivas críticas e orientalismo**, 2021; FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**, 1996; MIDDLEJ, Luciana; JAMES, Melinda. **Folclore Árabe: cultura, arte e dança**, 2017; SAID, Edward. **Orientalismo**, 2013; e XAVIER, Cintia Nepomuceno. **5,6,7,<sup>∞</sup> Do 8 ao Infinito: por uma dança sem ventre, performática, híbrida, impertinente**, 2006. Depois, houve a feitura do formulário na plataforma *Google forms* em dezembro de 2023. A professora e orientadora deste trabalho, Ana Clara Santos Oliveira, foi quem elencou e forneceu os contatos das entrevistadas. Entrei em contato com as entrevistadas pelo aplicativo *Whatsapp* em busca de seus respectivos endereços de e-mail e, posteriormente, lhes enviei o formulário via e-mail em 24 de dezembro de 2023. O período de coleta das respostas foi de sete dias, prorrogando por mais sete dias para que mais participantes conseguissem responder. Com as respostas no sistema pude coletar os dados quantitativos para produzir os gráficos, bem como, as respostas descritivas para confrontar com as ideias dos autores, e assim, tecer as considerações finais em março de 2024.

## DANÇA DO VENTRE E DOCÊNCIA

A docência da dança do ventre está envolta em ideologias e orientalismos, desse modo, o presente trabalho parte da problematização desde a construção do seu nome, neste contexto, todo o trabalho sócio-histórico de deturpação tem intenção em apagamento histórico-cultural,

desvalidação, desvalorização para manipulação política, territorial, econômica, etc.

A construção da dança do ventre até chegar às massas populares está recheada de equívocos e distorções, começando pela sua denominação, com base neste fundamento orientalista, o nome dança do ventre foi descaracterizado. A partir do texto, *As Origens da Dança do Ventre: Perspectivas Críticas e Orientalismo*, de Assunção (2021), “Dança do Ventre” é a nomenclatura utilizada desde o séc. XIX, até os dias atuais, para designar uma modalidade de dança que tem possível origem no Oriente, “possível”, pela falta de evidências históricas que assegurem o início desta manifestação.

Para Assunção (2021), a dança oriental é fruto de vivências cotidianas dos povos, em especial, o folclore, as tradições de *Ghawazee*<sup>3</sup>, *Awálin*<sup>4</sup> e *Khawalat*<sup>5</sup>, não há nada glamouroso por detrás, porém, técnico. Para a autora citada o nome possui variações linguísticas, como: “*danse du ventre, danza del vientre e danza del ventre*), *belly dance*, dança oriental, *raqs sharqi* (شرفي رقص), *raqs baladi* (بلدي رقص) (p. 12).

Toda essa discussão sobre nomenclatura e o próprio fato de que esta forma de dança é chamada de “dança oriental” em árabe apontam para a intrincada relação entre a história da dança e os processos relacionados ao período colonial egípcio que tem início com a invasão de Napoleão em 1798 e com sentimentos nacionalistas posteriormente desenvolvidos no país. (ASSUNÇÃO, 2021, p. 14)

Ainda, para a autora, “dança do ventre” é a tradução para o português de “*danse du ventre*”, termo francês utilizado a partir de um referencial na arte pintada pelo orientalista *Jean-Léon Gérôme*, em sua obra *La danse de l’almée* de 1863, segundo a pesquisadora *Ainsley Hawthorne*. Mais tarde, em 1889, surge o termo em inglês, *Belly dance*, para designar a mesma prática, cunhado pela mídia de cobertura da exposição Universal de Paris, sobre atração egípcia na chamada *Rue du Caire*. Mas, a evidência teria aparecido antes, com uma estátua, a ‘*Female Figure*’ (figura feminina), que data entre 3500-3400 a.C. Em

<sup>3</sup> Consideradas as primeiras dançarinas da dança do ventre

<sup>4</sup> Cantoras e em certas medidas dançarinas que se apresentavam nos haréns

<sup>5</sup> Homens que se apresentavam no mesmo contexto semelhante as *Ghawazee*

forma de um corpo feminino em posição clássica de braços abertos para o alto, como se estivesse “florescendo”, como dizemos em aula (ID, IBID, 2021).

Percebe-se que algumas professoras de dança do ventre, e, ou, oriental, colocam a dança no campo do espiritualismo, de cultuar a deusa interior, e não exploram a episteme, por uma opção que talvez seja somente *estratégia de mercado*, vender um imaginário da dança do ventre fantasioso, talvez isso seja mais atrativo, e acaba tirando da realidade todo o contexto cultural de sua cenologia, dando um tom de ficção sobre a arte da dança do ventre.

Na prática e no estudo da dança do ventre, de uma forma geral, evidencia-se a movimentação da barriga e ignora-se o todo, assim, o nome de “Dança da barriga”, soaria estranho, talvez. Então, o nome dança do ventre, designou a intenção de arquitetar um ideário que entrou em um limbo machista, sexista, misógino, pelas mãos do patriarcado e dos capitalistas. Neste contexto, Edward Said (1995) faz menção sobre o desfragmentar cultural que tem intenção de fortalecer esse imaginário distanciado do que é real, “O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material”. (p.28).

De uma maneira geral, sintetizam a linguagem artística da dança como movimento, ou seja, basta fazer qualquer gesto ou mover-se, para se dançar, ideia bem enraizada no senso comum, no entanto, dança é arte e possui saberes específicos. Os artistas e pesquisadores da dança vão além, destacando a dança como produção de conhecimentos em suas especificidades, espetacular e teatral. Portanto, ensinar dança como cultivo de ciências necessita-se treinos e domínios específicos, são informações que devem ser embasadas por uma parte prática/teórica própria, de acordo com o seu estilo e linguagem.

Ao longo dos quatro anos de formação no curso de licenciatura em dança aprendemos que dança é linguagem, um meio de comunicação, história, antropologia. Na área de conhecimento: Artes, a dança é muito mais que

expressão, ser, sentir e manifestar-se, é uma maneira do ser humano enxergar, entender e criticar o mundo, dialogando em infinitas possibilidades na estética do existir. Desse modo, este escrito revela-se contra este cenário da dança do ventre ser ensinada pelo viés orientalista, assim como, favorecer o seu arcabouço teórico/prático.

## **AVALIAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Durante esta trajetória na graduação em dança em reflexões sobre o perfil docente da dança do ventre, indaga-se: o que podemos ou, quais caminhos devemos trilhar? Qual a melhor estrada para ofertar o que há de mais autêntico e fidedigno para enaltecer a dança do ventre? Outra questão diz respeito como a futura docente desta arte deverá se preocupar com o conhecimento que será passado, diferente da postura de alguns profissionais que não têm o mesmo pensamento, “(...) sem a menor preocupação com confiabilidade ou reflexão ou autêntico conhecimento.” (Id, Ibid. p.13). Neste sentido, alerta-nos ainda Said: “(...) acredito haver uma responsabilidade intelectual e moral específica ligada ao que fazemos como acadêmicos e intelectuais.” (pg.15).

Em tempos de ebulição tecnológica vemos a dança alcançando proporções grandiosas, se fazendo presente no dia a dia das pessoas, mas, será que ela está exercendo sua finalidade? Onde está a dança do ventre neste contexto? Onde e como ela aparece? Afinal, a dança e a dança do ventre têm uma finalidade?

Neste direcionamento o questionário aplicado explorou questões como: O que se entende como dança do ventre? O que elas ensinam em relação aos diferentes estilos, dança do ventre clássica, dança do ventre moderna, folclore árabe? Quais os objetivos das aulas, ou seja, o que a professora pretende alcançar? Como são preparadas as aulas? Também, pediu-se a descrição de suas metodologias, ou seja, como são organizadas as rotinas das aulas?

Utiliza-se recursos didáticos? (imagens, vídeos, livros, apostila, instrumentos como: *snujs*<sup>6</sup>, *derbake*<sup>7</sup>, véus, espadas, etc.). Quais as dificuldades encontradas em suas atuações como professoras? E por fim, pediu-se para que elas acrescentassem algo sobre a sua experiência como professora.

Nesta direção, as respostas das professoras de dança do ventre na cidade de Maceió, Alagoas, foram estudadas e comparadas a partir do ideal de educador desenhado por Paulo Freire, um professor em sua pedagogia da autonomia em eterna construção. Assim, neste procedimento metodológico da pesquisa somadas ao corpo teórico da pesquisa chegaram-se às conclusões levantadas no corpo do texto e evidenciadas nas considerações finais. São questões em busca de respostas que através deste esboço textual se constitui pela reflexão e para o entendimento dessas ideologias que reverberam entre o aprender e o ensinar.

De uma maneira reflexiva espera-se que este perfil docente em construção venha a preencher e sanar anseios acadêmicos em relação ao ensinar e ao aprender, para que se possa pôr em prática tirocínios significativos de dança do ventre, professoras em busca de sua pedagogia da autonomia.

A idade das professoras foi levada em consideração pela questão da construção social e o ideário geracional, também, a autodeclaração de gênero se faz importante para demonstrar que o cenário docente da modalidade de dança do ventre em Maceió, Alagoas, observou-se uma maioria no gênero feminino, de mulheres Cis, ou seja, que se identificam com seu gênero. E ainda, a autodeclaração de raça para exemplificar que a característica dessas entrevistadas se enquadra majoritariamente dentro do cenário afrodescendente, o que é interessante para o movimento da modalidade, já que com a expansão da dança do ventre/oriental houve uma apropriação deste contexto por classe e raça, não condizente com a origem da cultura, a branca elitizada, e aqui observa-se um resgate, mesmo que distante, de sua propriedade racial, a negra/parda.

---

<sup>6</sup> *Snujs* são pratos percussivos utilizados nas pontas dos dedos.

<sup>7</sup> *Derbake* é um tambor utilizado como instrumento de percussão.

As oito professoras entrevistadas a partir do entendimento pessoal sobre o que seria a dança do ventre, destacam as seguintes repostas:

Dança que tem origem na África e Oriente Médio, tendo como característica principal o uso de quadril e restante do corpo. Dança do ventre tem sua história, sua evolução, suas características, sua cultura, suas contribuições por si mesma, esses são os conhecimentos que ainda continuo estudando. No sentido como pessoa que ensinou e dança esse estilo de dança, para mim, é autoconhecimento corporal e emocional, prazer, trabalhar nossa parte feminina e nosso poder místico e artístico. Denominação genérica (sentido amplo) de algumas danças presentes (em sua maioria e origem) nos países árabes. Uma dança feminina de extremo poder transformador e de resgate. De origem nebulosa, mas que ganhou notoriedade em muitos países. É uma dança étnica e trabalho apenas quando ensino sobre as suas influências nos povos ciganos árabes; A dança do ventre pra mim é uma dança étnica do oriente onde a movimentação é focada nos quadris e ventre, reverberando no corpo todo. Vista também como uma dança tradicional ritualística, proporcionando bem-estar e autoconhecimento. É uma dança milenar de origem egípcia que trabalha com movimento do corpo todo, especialmente os quadris. Arte e cultura de uma nação e continente. **(PROFESSORAS, INFORMAÇÃO ESCRITA, 2024)**

Do mesmo modo, sobre as vertentes presentes na dança do ventre, ou seja, sobre as variações, “estilos” da dança que elas ensinam, obtivemos as seguintes respostas: cinco responderam que ensinam dança do ventre Clássica<sup>8</sup>, e cinco que ensinam dança do ventre moderna<sup>9</sup>; já, sobre o estilo Folclore árabe<sup>10</sup>, obtivemos quatro respostas. Também, apareceram outras variantes estilísticas, dança cigana, dança do ventre de fusão<sup>11</sup>, assim como, sobre os estilos de dança do ventre foi possível visualizar os interesses de práticas desenvolvidas como elementares e complementares, dentro do tema da dança oriental.

---

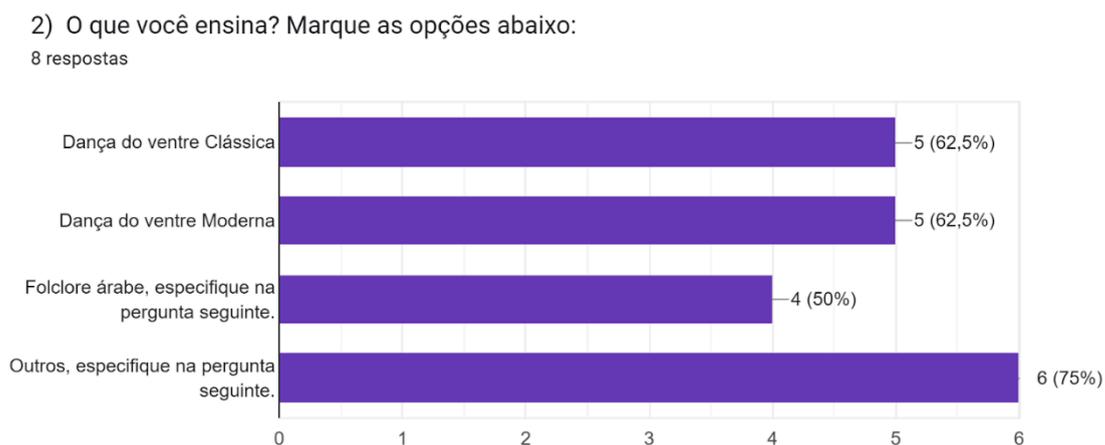
<sup>8</sup> Dança do ventre clássica, nesta modalidade estão presentes posturas e códigos do balé clássico como: posição de braços, giros, arabesques, etc. Também, o figurino e as músicas utilizadas são com características das primeiras dançarinas de dança do ventre, as *Ghawazee*.

<sup>9</sup> Dança do ventre moderna é a modalidade que se utiliza de adereços e acessórios como: espada, véu, pandeiro, *Fan veil*, espécie de leque feito de pano.

<sup>10</sup> Folclore árabe está relacionado com os povos árabes especialmente os figurinos: túnica chamada de *Galabia* e adereços como: bengalas, bastões, etc.

<sup>11</sup> Dança do ventre de fusão está interligada a outros estilos de dança como: o *Popping*, uma das danças urbanas que compõem a cultura hip hop; o Flamenco e a dança indiana.

A base da dança se mantém equilibrada, mas, há interesses outros que também são relevantes para que a cena não se torne estagnada no tempo dentro da evolução da dança, da atualidade, que flerta com outras linguagens através da globalização, mas, sem perder as origens, conforme demonstra o gráfico abaixo:



**Fonte: questionário via Google Forms, 2023.**

Em relação ao que elas pretendem alcançar com objetivos das suas aulas, são os seguintes: Além de passar a técnica da dança, pretendem promover a autoestima e a união feminina. Também, transmitir os passos é importante, mas, que tenha um sentido cultural para conhecer e respeitar outras culturas diferentes da do Brasil. Ainda, objetivam que a dança do ventre venha fazer bem para o corpo e a alma, numa compreensão da dança como saúde física, mental, e sobretudo, estudo técnico. Colaborar com a paixão das pessoas pela dança e formar redes de compartilhamento de pesquisas sobre sua evolução histórica e influências diversas, assim como, entendem que ensinar significa aprender e, pessoalmente, construir laços.

Ensinar de forma descomplicada essa arte milenar trazendo contextos da dança terapia para a metodologia, a fim de alcançar uma cura no sagrado feminino de forma gradual. Nas aulas também são mencionadas a cultura dos povos ciganos e suas origens, assim como, lutar contra o preconceito. E ainda, fazerem com que o aluno entenda o que significa a dança do ventre de fusão e

suas diversas possibilidades criativas de movimentos, influências, história, técnica e autonomia criativa, para desenvolver as técnicas da dança e aumentar a autoestima das alunas alcançando paz, harmonia, prosperidade e realização profissional.

Em relação ao preparo das aulas foram descritas as seguintes metodologias:

Aquecimento, alongamento, técnica de passo, repetição dos movimentos e alongamento na finalização e explicação de passos e Introdução aos ritmos, Explicação do tipo de dança árabe que está sendo estudada, Improvisação individual ou em grupo, também acrescento outros estilos de danças para a preparação corporal; Divido turmas por níveis, assim como, as aulas de cada nível em tópicos (ex.: intermediário mês sobre instrumentos de corda e suas possibilidades - violino); aulas de reconhecimento de ritmos são conjugadas às aulas de folclore e estilos musicais de cada país, etc.; As turmas iniciantes não têm contato histórico, nem sobre ritmos. Início com correção de postura, blocos de aula com movimentos ondulatórios, batidas básicas, torções e giros; O início é puramente técnico e trabalho de dissociação do corpo (cinesiologia); Eu utilizo o método acadêmico, como no Ballet. Momentos de alongamento, aquecimento, passos isolados e bailado; Além das dinâmicas dançantes que podem aparecer em qualquer momento da aula; Como a dança cigana aparece em quase todos os países, eu falo da musicalidade e movimento da dança daquele lugar, Depois, eu explico a técnica do movimento e da energia cigana; Inicialmente, tem-se uma conversa curta afim de passar conhecimento intelectual sobre a dança, falar como podemos reproduzir um movimento de diversas formas e várias partes do corpo, depois, começamos a prática com um alongamento, fazemos uma sequência e finalizamos com um momento de relaxamento; Rotina das aulas: Alongamento, aquecimento, teórica e prática; ou; Não tenho rotina, não preparo. Devido aos anos de experiência, dou aulas do que está na minha essência no dia, não gosto de aulas mecânicas, porém, mantenho os níveis e movimentos referente a cada nível de turma. **(PROFESSORAS, INFORMAÇÃO ESCRITA, 2024)**

Sobre os recursos didáticos (imagens, vídeos, livros, apostila, instrumentos como: *snujs*, *derbake*, *véus*, *espadas*, etc.), as professoras declararam que utilizam os seguintes:

Outros estilos de danças com conhecimentos de anatomia, balé, Laban, músicas dos ritmos; Apostilas, véus, espadas, bengalas, bastão, vídeos, livros; Sim, todos os mencionados, conforme o avanço de nível das alunas, contudo, iniciantes não pegam nenhum elemento cênico, pois, o meu objetivo é que tenham preparo técnico do próprio corpo, domínio básico, para só então inserir véus, bengalas, taças, etc; Opinião intimamente pessoal, que observei ao longo dos anos como professora e pesquisadora: “alguém só domina bem a dança com um elemento, se tiver uma boa base de domínio do

próprio corpo como instrumento de dança”; Tenho um perfil de estudo exclusivo para minhas alunas com vídeos gravados para reforçar o aprendizado e auxiliar nos dias que elas não comparecem; Como minhas turmas são sempre iniciantes 0 e 1, ainda, não utilizei instrumentos como espada, e etc, em aula, mas agora, com a turma nível 2, pretendo utilizar; Sim, uso: apostila, pandeiro, xale, véu, fitas, castanholas, leque; Uso imagens, vídeos e texto como referência; Recursos didáticos: véus, bastão, taças, candelabro, espada, véu Wings; Sim taças, véu, pandeiro, espadas, bengala, snujs, no contexto geral, faço uso de todos em aula e espetáculo. **(PROFESSORAS, INFORMAÇÃO ESCRITA, 2024)**

Sobre as dificuldades encontradas pelas professoras durante a sua atuação elas declararam os seguintes:

Ser obrigada a ficar postando momentos das aulas nas redes sociais; O Olhar que as pessoas possuem sobre esse estilo de dança, esquecendo que é a cultura de outro país e todo o contexto histórico que ela traz; Pessoas que pensam que dança do ventre é exclusivamente uma dança sensual, ela é também sensual, mas, tem um belíssimo e extenso rol de especificidades históricas, geográficas, ritmos, etc, que muitas pessoas não estão dispostas a saber, é grandioso quando uma aluna deseja se aprofundar sobre determinado folclore e reproduzir respeitosamente (dentro das possibilidades) figurino, repertório, etc. Tem sido difícil pessoas que não queiram exclusivamente vestir um figurino riquíssimo de duas peças para se apresentar, fazer fotos, postar nas redes sociais e migrar para outra atividade que lhes dê engajamento; No momento tenho um Studio de Dança, mas nem sempre foi assim. A maior dificuldade era manter a progressão de nível em locais sazonais, como academias de ginástica, e ter um espaço para multiplicar conhecimento, é o mais desafiador; Lidar com o imaginário das pessoas que não entendem que é uma dança e que também, tem técnica; Como prof<sup>a</sup> técnica de dança, vejo como problema e dificuldade a falta de incentivo a cultura no sentido inicial da coisa, ensinar uma criança a valorização à cultura, artes, e incentivar a mesma a buscar e consumir isso, são poucas as pessoas que buscam ter acesso a essas atividades por tantos motivos, mas acredito que a falta de incentivo dificulta a procura e propagação devida, (Falando sobre as dificuldades dentro da sala de aula não vejo nenhuma); Desmistificar o verdadeiro sentido da dança do ventre; e Fidelizar alunas que buscam valores baixos e não a qualidade. **(PROFESSORAS, INFORMAÇÃO ESCRITA, 2024)**

Neste contexto, a última pergunta do questionário diz respeito ao que elas gostariam de acrescentar sobre as suas experiências como professora de dança do ventre. Desse modo, obtivemos as seguintes respostas:

É gratificante ver pessoas inseguras com o corpo voltar a se amar; Como professora a gente tem um crescimento pessoal e profissional

muito rico; Depois de muitos anos aprendi que quem gostar vai se tornar um pesquisador, seja do ponto de vista técnico ou do ponto de vista mais fantasioso e mítico, pois, a dança do ventre alcança essas possibilidades. E está tudo bem internalizar e difundir vertentes diversas, pois, é uma dança diversa. Um professor para ser também bom profissional, deve ser bom ouvinte, e acolher enquanto ensina. Algumas pessoas fazem dança como um processo de cura. Outras como processo de autoconhecimento que nem sabiam que precisavam. Respeitar o outro é também respeitar fazer arte. Porém, saber se impor e estabelecer-se eticamente é essencial tanto para quem ensina, como em consideração à própria dança e a todas as praticantes que vieram antes de mim; bem como das que virão depois e também, em respeito às culturas que criaram a dança ou nela influíram em suas diferentes manifestações; Sou profissional de Educação Física e especialista em Dançaterapia e Docência em dança, tenho sempre um olhar cuidador e humanizado para com as minhas estudantes. Aprender a ensinar exige doação e flexibilidade. Sempre experimentei multiplicar aquilo que aprendia. E foi testando há mais de 20 anos que desenvolvi um método próprio. Sem tirar a alegria que a dança proporciona, mas entregando um resultado satisfatório no tempo previsto, e certificar para validar o aprendizado; Fico feliz em ver a cada aula o desenvolvimento dos alunos, dançando com técnica e consciência no corpo, e a felicidade no rosto de cada um deles; Ainda me considero iniciante na profissão, dificuldade mesmo, foi vencer a mim mesma, e ter autoconfiança para ensinar; Ser persistente!!; e, Amo o que faço, amo minhas divas alunas. **(PROFESSORAS, INFORMAÇÃO ESCRITA, 2024)**

A partir das respostas pode-se perceber que as professoras entrevistadas, em sua maioria, estão no caminho de uma pedagogia da autonomia, pois, seus depoimentos, no geral, estão buscando através de suas práticas uma satisfação com o caminho que elas estão trilhando. Nesta direção, não existe certo ou errado, mas, a partir de suas falas, elas refletem seus fazeres para tornar a docência da dança do ventre um caminho mais produtivo.

No livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire diz como os docentes deveriam ensinar os seus alunos, desse modo, a sua sugestão é que os professores incentivem uma ação transformadora, pois, ele explica a importância da ética crítica, a competência científica e a amorosidade autêntica, com base em engajamento político. Assim, através do olhar de Freire sobre o ensino da dança do ventre nesta perspectiva sinalizamos que as docentes caminhem para uma ação libertadora, para a importância do pensamento crítico reflexivo e ético para olhar o objeto de estudo, a dança do ventre, como competência metodológica e a fraternidade original.

O posicionamento ético/crítico remete, principalmente, a forma como os professores ensinam a dança do ventre e sobre a questão do orientalismo (SAID, 1995). Neste contexto, o estudo direcionou para olhar nos professores a sua pedagogia da autonomia, sobre como ensinar, e principalmente, sobre a propagação do senso comum em sala de aula, neste caso, o orientalismo.

No entanto, analisando algumas falas detectamos, por exemplo, uma professora ter o afastamento da curiosidade epistemológica. Quando a professora diz que não tem rotina pedagógica, que não prepara a aula devido aos anos de experiência que ela possui, que desenvolve as aulas pelo que está na sua essência do dia, que não gosta de aulas mecânicas, porém, mantém os níveis e movimentos repetidos todos os dias. Faz-se necessário uma preparação dos conteúdos abordados em sala de aula, se não, como diz Freire, fica somente “um ativismo”.

A reflexão crítica nada tem a ver com mecanicidade, muito pelo contrário, sai desse lugar de fazer por fazer, sem uma noção do que está sendo executado.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo (...) Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p.24-25)

Vejamos esta outra resposta: “Transmitir os passos, mas que tenha um sentido cultural para conhecer e respeitar outras culturas diferentes do Brasil...”. Quanto a ensinar com autonomia, quando uma professora diz que ensinar dança do ventre é apenas “transmitir”, mesmo levando em consideração a valorização e o respeito por culturas diferentes da brasileira, por um viés crítico, a fala se estrutura relevantemente negativa, pois, nesta

resposta a palavra “transmitir soa como educação bancária, tão criticada por Paulo Freire.

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. (...) Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir mais além de seus condicionantes. Isto não significa, porém, que nos seja indiferente ser um educador “bancário” ou um educador “problematizador”. (ID. IBID. p.28).

E ainda, para tecer reflexões analisaremos a seguinte fala, “após anos de aprendizagem, quem gostar vai se tornar um pesquisador, seja do ponto de vista técnico ou do ponto de vista mais fantasioso e mítico, pois, a dança do ventre alcança essas possibilidades.” Neste contexto, a professora não exercita a curiosidade epistemológica, não acolhe seu estudante em curiosidade sobre o oriente, deixando margem para o encarceramento em uma visão orientalista. Neste sentido, numa pedagogia da autonomia refletimos que:

(...) A curiosidade ingênua, do que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito.(...). Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (ID. IBID. p.32-33)

Por outro lado, observamos a fala de outra professora sobre a importância do figurino da dança do ventre que as alunas dão ao vestir, “fazer fotos, postar nas redes sociais e migrar para outra atividade que lhes dê engajamento”, ou seja, as alunas fotografam o estereótipo da dança para ganhar “curtidas”. Neste aspecto, ainda indagamos: A professora trabalha este olhar apequenado sobre a dança do ventre estar no imaginário do sensual e ser erotizada? Também, para a professora os alunos são rotativos, ou seja, os alunos ficam um curto período no curso, entrando sempre novos alunos, “motivo que atrapalha quem deseja ensinar/aprender numa formação e

pesquisa aprofundada.” Façamos a seguinte pergunta: O que a professora faz para firmá-los na turma, para quebrar este ciclo rotativo? Desse modo, entende-se que o pensamento da professora é deformador.

(..) A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (..) É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital.  
(ID, IBID. p.42-43)

Para finalizar destaco que temos um problema, o Orientalismo, ou seja, a visão deturpada sobre a cultura do oriente. Neste sentido, uma delas traz a tona o mesmo problema, o orientalismo, quando afirma que: “as pessoas olham esse estilo de dança esquecendo da cultura de outro país e de todo o contexto histórico que ela traz.” Esta resposta surge ao ser questionada sobre qual seria a dificuldade que encontra na sua profissão, mas, o que fazem os profissionais das danças orientais a respeito? Nesta questão destaca-se uma das respostas sobre os objetivos das aulas de dança do ventre que pretendem alcançar: “Compreensão da dança como saúde física e mental, e sobretudo, estudo técnico. Colaborar com a paixão das pessoas pela dança e formar redes de compartilhamento de pesquisas sobre sua evolução histórica e influências diversas. Ensinar significa aprender e, pessoalmente, construir laços.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA EM DANÇA DO VENTRE**

A presente pesquisa não tem a intenção de ditar o que é certo ou errado na atuação docente dentro da modalidade de dança do ventre/dança oriental, apenas, dar relevância a este tema que ainda pode ser melhor explorado em pesquisas futuras dentro do cenário acadêmico. Desse modo, o presente artigo é um modo de observar sobre em que condições estas

atuações, ou seja, a docência da dança do ventre está sendo desenvolvida, como se dão as suas práticas.

A reflexão a partir da Pedagogia da Autonomia, neste caso, aparece de uma maneira que se possa conduzir os caminhos na educação da dança do ventre, da sua formação artística, do conhecimento genuíno, que se traduz como indica Freire “libertador e libertário” emancipador, construtor de criticidade e da curiosidade epistemológica. Pensar a nossa construção profissional, ética e moral, a nossa prática docente, a nossa construção metodológica e a nossa didática, a partir dos conceitos, da análise do mercado, das demandas, o que precisa ser abordado, para os estudantes, o que buscam e o que vem neste imaginário para desmistificar e quebrar os tabus, todavia, precisa-se pensar a postura do profissional, assim como, a formação docente geral.

O que precisamos fazer? Como necessitamos ser pra ser diferenciada das demais? Na era digital, principalmente, como fidelizar, trazer o engajamento para além dos 30 segundos de vídeos, do conhecimento raso, como aprofundar, como dar relevância a uma cultura tão ampla e complexa, tão distanciada em termos de território? Neste sentido, o preparo do docente antecede a aula em si, pois, estar preparado não só em termos de conteúdo teórico-prático, método de ensino, habilidade de improviso e de entregar qualidade nas práticas de ensino, sempre inovando, com aulas que não sejam monótonas, altamente sistemáticas ou rígidas.

Precisamos dar autonomia ao estudante para que ela/ele se sinta capaz de pesquisar, se aprofundar, e que isso não seja algo imposto, mas estimulado. Neste contexto cabe interrogar: Como estimular? Quais artifícios/ quais recursos utilizar (apresentação de slides, desenhos, notação, vídeos, livros, dinâmicas, visitas a campo), maneiras de fazer alcançar o conhecimento genuíno.

O profissional precisa ser um mediador, um facilitador entre o conhecimento e o estudante, o professor precisa conduzi-lo, mostrar o caminho, sanar as dúvidas. É preciso um propósito, respeito e

responsabilidade para com o conhecimento, com a Arte. A angústia se dá através deste olhar da pesquisa não ter todas as respostas para todos os questionamentos. O que conforta é saber que a docência se constrói na prática, no dia a dia, ensinar é uma caixinha de surpresas para o professor, pois, ele não prevê exatamente tudo o que vai acontecer em sala de aula.

E para conclusão final, penso que como professora de dança do ventre poderemos utilizar ao máximo o conhecimento adquirido no curso de graduação em dança, e continuar sempre estudando, pesquisando, reinventando a dança do ventre através de uma pedagogia da autonomia. Neste sentido, faz-se necessário que cada professor possa construir sua metodologia em investigação com seus estudantes, na sua prática cotidiana. Esta se traduz como primeira intenção, como foco de atuação docente, que partiu da preocupação de ter, minimamente, uma base crítica e libertadora para ingressar no mercado de trabalho.

## Referências

ASSUNÇÃO, Naiara Müssnich Rotta Gomes de. **As Origens da Dança do Ventre: perspectivas críticas e orientalismo**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2021. São Paulo, 2002.

SILVA, Cláudio Antônio Santos da. **“Botar Figurás” e “Desfigurar a Moeda”:** **Entremeios e Formação para Cena de uma “Cínica” Dança Pessoal**. UFBA, Salvador, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

MIDDLEJ, Luciana; JAMES, Melinda. **Folclore Árabe: cultura, arte e dança**. São Paulo: Kaleidoscópio de Ideias, 2017.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

## APÊNDICES:

### Questionário/Respostas

Pesquisa sobre profissão docente na área das danças árabes, com ênfase na modalidade de dança do ventre.

As perguntas iniciais abaixo serão utilizadas como instrumento de coleta de dados para a pesquisa de TCC - Trabalho de Conclusão de Curso da UFAL, intitulado "Dança do ventre: investigando a construção da profissão docente desta modalidade de dança", da pesquisadora Bruna Souza de Oliveira, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Santos Oliveira (ETA - Escola Técnica/ICHCA - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes / UFAL - Universidade Federal de Alagoas).

Essa pesquisa tem o questionário online como um dos instrumentos da coleta de dados, objetivando analisar o modo como os artistas da cidade de Maceió entendem, organizam e executam a profissão docente na área das danças orientais/árabes; sua construção histórica, social, política, estética, econômica, etc. Deste modo, ao responder o presente questionário, você automaticamente concorda com o uso das informações compartilhadas.

Ressalto que os dados coletados são confidenciais e, para o artigo, serão utilizados os nomes abreviados das entrevistadas.

Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Sua participação é voluntária e se dará pelo procedimento de questionário. Você poderá desistir de sua participação mesmo após a assinatura deste termo, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

O questionário está dividido em três seções, sendo:

- 1) Confirmação do termo de consentimento;
- 2) Dados Pessoais Gerais;
- 3) Sete questões envoltas da dança do ventre e outras danças árabes/orientais. Desde já agradeço sua atenção e disponibilidade para responder às questões propostas.

Coloco-me à disposição para quaisquer dúvidas ou informações pelo e-mail [bruna.souza@ichca.ufal.br](mailto:bruna.souza@ichca.ufal.br) ou pelo telefone (12) 99143-3846.

Atenciosamente,

Bruna Souza de Oliveira.

\* Indica uma pergunta obrigatória

## 1. E-mail \*

### Seção 1 - TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido)

O início do questionário só se dará com a confirmação do TCLE. Por gentileza, leia com bastante atenção.

## 2. TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido

\*

Convidamos o(a) Sr.(a) artista/docente da dança do ventre, entre outras, a participar da pesquisa "Dança do ventre: investigando a construção da profissão docente desta modalidade de dança", da pesquisadora Bruna Souza de Oliveira, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Santos Oliveira. A pesquisa tem por objetivo geral levantar opiniões dos atuantes na área da dança oriental sobre sua prática docente e desenvolver um norteador de atuação que seja viável a qualquer discente, pesquisador de metodologias.

O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Sua participação é voluntária e se dará pelo procedimento de questionário. O procedimento não lhe deve causar nenhum risco de ordem psicofísica, a não ser o desconforto pelo tempo de aplicação ao questionário ou certo constrangimento por expor informações de cunho profissional. Em função disso, o(a) Sr.(a) poderá desistir de sua participação mesmo após a assinatura deste termo, tendo direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. Ao assumir a sua participação na presente pesquisa, você terá a análise dos dados da pesquisa contida no artigo, com vistas a abrangência do conhecimento.

Os dados coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos e não serão armazenados para outros fins. Será assegurado o direito à confidencialidade<sup>12</sup> das informações pessoais, isto é, seus dados são sigilosos e não serão divulgados de forma nominal. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados em formato de artigo via banco de dados da Biblioteca Digital de TCCs da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Para qualquer outra informação o Sr. (a) poderá entrar em contato comigo, Bruna Souza de Oliveira pelo e-mail [bruna.souza@ichca.ufal.br](mailto:bruna.souza@ichca.ufal.br) ou pelo telefone (12) 99143-3846, com a orientadora da pesquisa Doutora Ana Clara Oliveira no endereço de e-mail [anaclaradanca@gmail.com](mailto:anaclaradanca@gmail.com) ou pelo telefone (82)988860048.

---

<sup>12</sup> Esse estudo levou em consideração o sigilo dos dados para garantir a integridade dos participantes frente aos seus posicionamentos e reflexões críticas e, espera-se em pesquisas futuras buscar o aprofundamento, inclusive com o apoio do Comitê de Ética.

O Sr.(a) receberá por e-mail, automaticamente, da ferramenta escolhida Google Forms, uma via assinada deste TCLE. Sugerimos guardar a referida cópia. Agradecendo sua colaboração. Solicitamos a declaração de seu consentimento. Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos acima. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Eu fui informado (a) sobre os objetivos da pesquisa e a razão de minha participação. Concordo em participar da pesquisa e autorizo as respostas de forma anônima.

*Marcar apenas uma oval.*

Concordo em participar da pesquisa e autorizo as respostas de forma anônima.

## Seção 2 - Dados pessoais e informações gerais

Por gentileza, preste bastante atenção aos dados informados, pois eles serão imprescindíveis na classificação dos perfis. Qualquer erro ou informação incorreta, omitida, pode prejudicar o andamento da pesquisa.

3. E-mail para contato \*

4. Nome completo \*

5. Nome social/artístico \*

6. Idade \*

- 18-25 anos
- 26-33 anos
- 34-41 anos
- 42-49 anos
- 50 acima

7. Autodeclaração de gênero \* *Marcar apenas uma oval.*

- Mulher Cis
- Homem Cis
- Mulher Trans
- Homem Trans
- Não binária
- Prefere não especificar

8. Autodeclaração de raça \* *Marcar apenas uma oval.*

- branco
- negro
- pardo
- indígena
- amarelo

9. Número de telefone (com DDD) \*

10. Cidade e Estado em que reside \*

Seção 3 - Questões referentes à atuação com dança São sete questões obrigatórias.

11. O que você entende como dança do ventre? \*

12. O que você ensina? Marque as opções abaixo: \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Dança do ventre clássica
- Dança do ventre moderna
- Folclore árabe, especifique na pergunta seguinte.
- Outros, especifique na pergunta seguinte.

13. Especifique qual Folclore Árabe

14. Especifique "Outros"

15. Quais os objetivos das suas aulas, ou seja, o que você pretende alcançar?

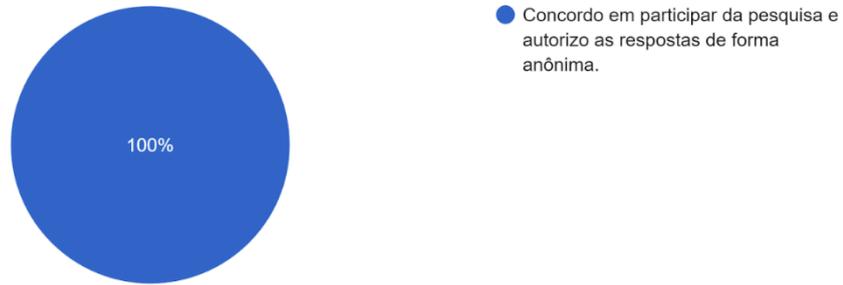
16. Como você prepara as suas aulas? Por favor, descreva a sua metodologia, ou seja, a rotina das aulas. \*

17. Você utiliza recursos didáticos (imagens, vídeos, livros, apostila, instrumentos como: snujs, derbake, véus, espadas, etc.)? Quais? \*

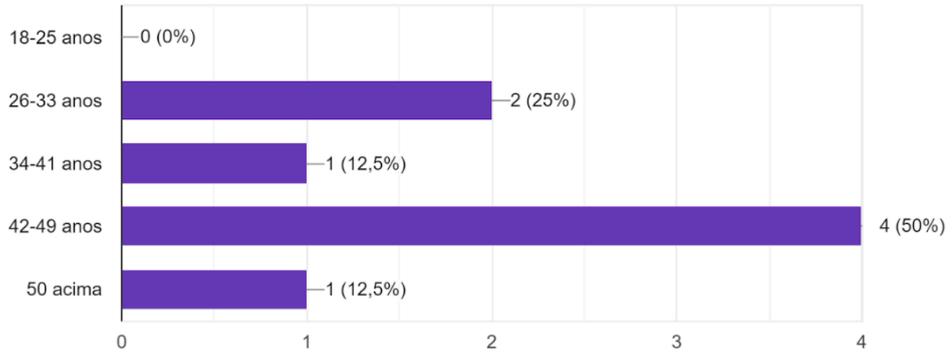
18. Quais as dificuldades que você encontra na sua atuação como professor(a)? \*

19. Gostaria de acrescentar algo sobre a sua experiência como professora? \*

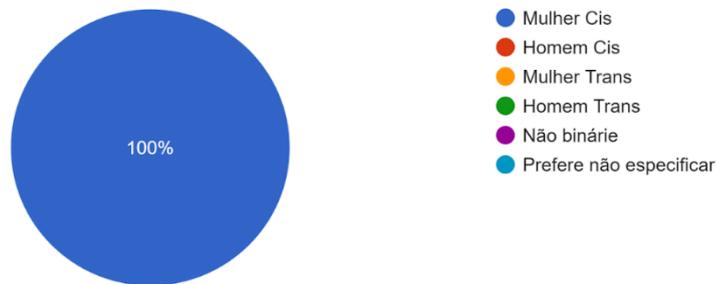
TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido Convidamos o(a) Sr.(a) artista/docente da Dança do ventre, entre outras, a participar da pesq...squisa e autorizo as respostas de forma anônima.  
8 respostas



Idade  
8 respostas

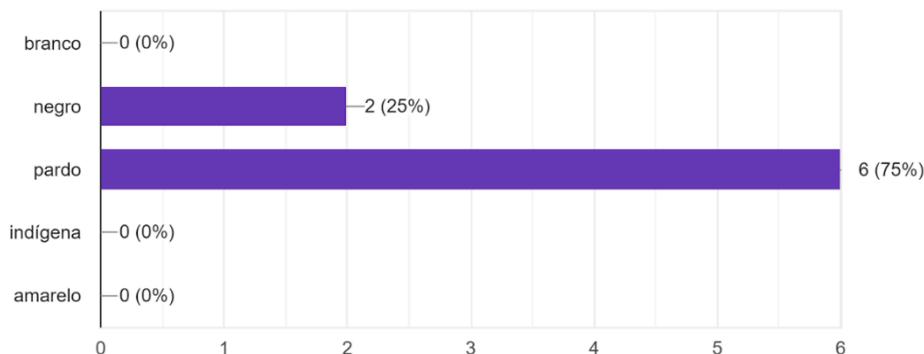


Auto declaração de gênero  
8 respostas



## Auto declaração de raça

8 respostas

**Sessão 3****O que você entende como dança do ventre?**

1-Dança que tem origem na África e oriente médio, tendo como característica principal o uso de quadril e restante do corpo de forma o dos acima

2-Dança do ventre tem sua história, sua evolução, suas características, sua cultura, suas contribuições por si mesma, esses são os conhecimentos que ainda continuo estudando. No sentido como pessoa que ensinou e dança esse estilo de dança para mim é autoconhecimento corporal e emocional, prazer, trabalhar nossa parte feminina e nosso poder místico e artístico.

3-Denominação genérica (sentido amplo) de algumas danças presentes (em sua maioria e origem) nos países árabes.

4-Uma dança feminina de extremo poder transformador e de resgate. De origem nebulosa mas que ganhou notoriedade em muitos países.

5-É uma dança étnica e trabalho apenas quando ensino sobre as suas influências nos povos ciganos árabes

6-A dança do ventre pra mim é uma dança étnica do oriente onde a movimentação é focada nos quadris e ventre reverberando no corpo todo. Vista também como uma dança tradicional ritualística, nos proporcionando bem-estar e autoconhecimento.

7-É uma dança milenar de origem egípcia, que trabalha com movimento do corpo todo, especialmente os quadris.

8-Arte e cultura de uma nação e continente

2) O que você ensina? Marque as opções abaixo:

8 respostas



### **Especifique qual folclore árabe:**

1-Dabke. Saidi. Khaleege. Candelabro. Existem muitas depende de cada Região dos países árabes.

2-Semsemeya, Khalige, Kawleyya, Ghawazee, principalmente

3-Estilo Saidi

4-Todos (Dabke,flores,jarro,punhal,pandeiro,said,espada)

### **Especifique “outros”**

1-Todos acima

2-Existem muitos estilos que pertencem à dança do ventre advindas de diversos povos árabes. Como também as fusões com outros estilos de danças.

3-Identificação de ritmos e música, através da análise geográfica. Perspectiva dos povos e influências entre clãs (foco Doms)

4-Dança cigana

5-Dança do ventre de fusão

6-Dança do ventre clássica

7-Fusão

**Quais os objetivos das suas aulas, ou seja, o que você pretende alcançar?**

- 1-Além de passar a técnica da dança, promover autoestima e união feminina.
  - 2-Transmitir os passos mas que tenha um sentido cultural para conhecer e respeitar outras culturas diferentes da do Brasil. Fazer bem para o corpo e a alma.
  - 3-Compreensão da dança como saúde física, mental e, sobretudo, estudo técnico. Colaborar com a paixão das pessoas pela dança e formar redes de compartilhamento de pesquisas sobre sua evolução histórica e influências diversas. Ensinar significa aprender e, pessoalmente, construir laços.
  - 4-Ensinar de forma descomplicada essa arte milenar trazendo contextos da Dança terapia para a metodologia a fim de alcançar uma cura no sagrado feminino de forma gradual.
  - 5-Nas aulas eu falo da cultura do povo ciganos e suas origens.
- Perdendo e luto contra o preconceito
- 6-Fazer com que o aluno entenda o que significa a dança do ventre de fusão e suas diversas possibilidades criativas de movimentos, influências, história, técnica e autonomia criativa.
  - 7-Desenvolver as técnicas da dança e aumentar a autoestima das alunas.
  - 8-Paz, harmonia, prosperidade e realização profissional.

---

**Como você prepara as suas aulas? Por favor, descreva a sua metodologia, ou seja, a rotina das aulas.**

- 1-Aquecimento, alongamento, técnica de passo, repetição. Alongamento finalização
- 2-Alongamentos. Aquecimento. Explicação de passos. Prática de uma rotina com os passos. Introdução aos ritmos. Explicação do tipo de dança árabe que está sendo estudada. Improvisação individual ou em grupos. Como também acrescento outros estilos de danças para a preparação corporal.
- 3-Divido turmas por níveis. Divido as aulas de cada nível em tópicos (ex.: intermediário mês sobre instrumentos de corda e suas possibilidades - violino); aulas de reconhecimento de ritmos são conjugadas às aulas de folclore e estilos musicais, de cada país, etc. As turmas iniciantes não têm contato histórico, nem sobre ritmos. Início com correção de postura, blocos de aula com movimentos ondulatórios, batidas básicas, torções e giros. O início é puramente técnico e trabalho de dissociação do corpo (cinesiologia).

4-Eu utilizo o método acadêmico. Como no Ballet. Momentos de alongamento, aquecimento, passos isolados e bailado. Além das dinâmicas dançantes que podem aparecer em qualquer momento da aula.

5-Como a dança cigana tem em quase todos os países, eu falo da musicalidade e movimento da dança daquele lugar. Depois eu explico a técnica do movimento e da energia cigana.

6-Inicialmente uma conversa curta afim de passar conhecimento intelectual sobre a dança mesmo, falar como podemos reproduzir um movimento de diversas formas e várias partes do corpo, depois começamos a prática com um alongamento, fazemos uma sequência e finalizamos com um momento de relaxamento

7-Rotina das aulas: Alongamento, aquecimento, teórica e prática.

8-Não tenho rotina, não preparo. Devido aos anos de experiência, dou aulas do que está na minha essência no dia, não gosto de aulas mecânicas, porém mantenho os níveis e movimentos referente a cada nível de turma.

**Você utiliza recursos didáticos (imagens, vídeos, livros, apostila, instrumentos como: *snujs, derbake, véus, espadas, etc.*)? Quais?**

1-Sim

2-Outros de danças como conhecimentos de anatomia. Balé. Laban. Músicas dos ritmos. Apostilas. Véus. Espadas. Bengalas. Bastão. Vídeos. Livros.

3-Sim. Todos os mencionados conforme avanço de nível das alunas. Contudo, iniciantes não pegam nenhum elemento cênico, pois objetivo que tenham preparo técnico do próprio corpo, domínio básico, para só então inserir véus, bengalas, taças, etc. Opinião intimamente pessoal, que observei ao longo dos anos como professora e pesquisadora... alguém só dominará bem a dança com um elemento, se tiver uma boa base de domínio do próprio corpo como instrumento de dança.

4-Tenho um perfil de estudo exclusivo para minhas alunas com vídeos gravados para reforçar o aprendizado e auxiliar nos dias que elas não comparecem. Como minhas turmas são sempre iniciantes 0 e 1 ainda não utilizei instrumentos como espada e etc em aula. Mas agora com a turma nível 2 pretendo utilizar.

5-Sim, uso ! Apostila, pandeiro, chalé, véu, fitas, castanhos, leque .

6-Use imagens, vídeos e texto como referência.

7-Recursos didáticos:

Véus, bastão, taças, candelabro, espada, véu *wings*.

8-Sim taças, véu, pandeiro, espadas, bengala, *snujs* no contexto geral favo uso de todos em aula e espetáculo.

---

### **Quais as dificuldades que você encontra na sua atuação como professor(a)?**

1-Ser obrigada a ficar postando.

2-Como as pessoas olham esse estilo de dança esquecendo da cultura de outro país e de todo o contexto histórico que ela traz.

3-Pessoas que pensam que dança do ventre é exclusivamente uma dança sensual. Ela é também sensual, mas tem um belíssimo e extenso rol de especificidades históricas, geográficas, ritmos, etc, que muitas pessoas não estão dispostas a saber. É grandioso quando uma aluna deseja se aprofundar sobre determinado folclore e reproduzir respeitosamente (dentro das possibilidades) figurino, repertório, etc. Tem sido difícil pessoas que não queiram exclusivamente vestir um figurino riquíssimo de duas peças para se apresentar, fazer fotos, postar nas redes sociais e migrar para outra atividade que lhes dê engajamento. A rotatividade atrapalha quem deseja ensinar/aprender uma formação e pesquisa aprofundada.

4-No momento tenho um Studio de Dança. Mas nem sempre foi assim. A maior dificuldade era manter a progressão de nível em locais sazonais como academias de ginástica. E ter um espaço para multiplicar conhecimento é o mais desafiador.

5-Lidar com o imaginário das pessoas

Não entende que é uma dança e que também tem técnica

6-Como prof<sup>a</sup> técnica de dança, vejo como problema e dificuldade a falta de incentivo a cultura no sentido inicial da coisa, ensinar uma criança valorização a cultura, artes, e incentivar a mesma a buscar e consumir isso. São poucas as pessoas que buscam ter acesso a essas atividades por tantos motivos, mas acredito que a falta de incentivo dificulta a procura e propagação devida. (Falando sobre as dificuldades dentro da sala de aula não vejo nenhuma)

7-Desmistificar o verdadeiro sentido da dança do ventre.

8-Fidelizar alunas que buscam valores baixos e não a qualidade.

---

**Gostaria de acrescentar algo sobre a sua experiência como professora?**

1-É gratificante ver pessoas inseguras com o corpo voltar a se amar

2-Como professora a gente tem um crescimento pessoal e profissional muito rico.

3-Depois de muitos anos aprendi que quem gostar vai se tornar um pesquisador, seja do ponto de vista técnico ou do ponto de vista mais fantasioso e mítico. Pois a dança do ventre alcança essas possibilidades. E tá tudo bem internalizar e difundir vertentes diversas pois é uma dança diversa. Um professor para ser também bom profissional deve ser bom ouvinte e acolher enquanto ensina. Algumas pessoas fazem dança como um processo de cura. Outras como processo de autoconhecimento que nem sabiam que precisavam. Respeitar o outro é também respeitar fazer arte. Porém, saber se impor e estabelecer-se eticamente é essencial tanto para quem ensina como em consideração à própria dança e a todas as praticantes que vieram antes de mim; bem como das que virão depois e também em respeito às culturas que criaram a dança ou nela influíram em suas diferentes manifestações.

4-Sou profissional de Educação Física e especialista em Dançaterapia e Docência no ensino da dança. Tenho sempre um olhar cuidador e humanizado para com as minhas estudantes. Aprender a ensinar exige doação e flexibilidade. Sempre experimentei multiplicar aquilo que aprendia. E foi testando há mais de 20 anos que desenvolvi um método próprio. Sem tirar a alegria que a dança proporciona, mas entregando um resultado satisfatório no tempo previsto. E certificar para validar o aprendizado.

5-Fico feliz em ver a cada aula o desenvolvimento dos alunos, dançando com técnica e consciência no corpo, e a felicidades no rosto de cada um deles

6-Ainda me considero iniciante na profissão, dificuldade mesmo foi vencer a mim mesma e ter autoconfiança para ensinar.

7-Ser persistente!!

8-Amo o que faço, amo minhas divas alunas.